

ENTRE O UNO E O MÚLTIPLO: APROXIMAÇÕES E DISTINÇÕES ENTRE A TEORIA DOS ARQUÉTIPOS DE JUNG E A TEORIA DAS FORMAS DE PLATÃO

Thiago Barbosa Soares¹

Resumo: Este artigo investiga as relações filosóficas entre a teoria dos arquétipos de Carl Gustav Jung e a teoria das Formas (ou Ideias) de Platão. Partindo da constatação de que ambos os pensadores postulam estruturas universais e transcendentais que fundamentam a experiência humana, o estudo analisa as aproximações estruturais, universalidade, caráter a priori, distinção entre realidade-em-si e manifestação empírica, função ordenadora e normativa, necessidade de um processo transformador para o acesso, bem como as diferenças ontológicas e metodológicas fundamentais. Enquanto Platão concebe as Formas como entidades metafísicas independentes, eternas e inteligíveis, Jung concebe os arquétipos como fatores psicológicos inatos, herdados filogeneticamente, localizados no inconsciente coletivo e acessíveis apenas por meio de suas manifestações empíricas (imagens arquetípicas). A pesquisa demonstra que a “psicologização” das ideias platônicas por Jung não implica reducionismo, mas antes um diálogo fecundo entre psicologia profunda, filosofia e semiótica. As conclusões apontam que a teoria junguiana pode ser legitimamente interpretada como uma atualização psicológica e empírica da teoria das Formas, fornecendo fundamentos para a semiótica arquetípica e para a análise interdisciplinar das narrativas e imagens do imaginário humano.

Palavras-chave: Jung. Arquétipos. Formas. Psicologia analítica. Semiótica arquetípica.

BETWEEN THE ONE AND THE MULTIPLE: APPROXIMATIONS AND DISTINCTIONS BETWEEN JUNG'S THEORY OF ARCHETYPES AND PLATO'S THEORY OF FORMS

Abstract: This article investigates the philosophical relationships between Carl Gustav Jung's theory of archetypes and Plato's theory of Forms (or Ideas). Starting from the observation that both thinkers postulate universal and transcendental structures that underlie human experience, the study analyzes the structural approximations (universality, a priori character, distinction between reality-in-itself and empirical manifestation, ordering and normative function, necessity of a transformative process for access) as well as the fundamental ontological and methodological differences. While Plato conceives of Forms as independent, eternal, and intelligible metaphysical entities, Jung conceives of archetypes as innate psychological factors, phylogenetically inherited, located in the collective unconscious and accessible only through their empirical manifestations (archetypal images). The research demonstrates that Jung's “psychologization” of Platonic ideas does not imply reductionism but rather a fruitful dialogue between depth psychology, philosophy, and semiotics. The conclusions indicate that Jungian theory can be legitimately interpreted as a psychological and empirical actualization of the theory of Forms, providing foundations for archetypal semiotics and for the interdisciplinary analysis of narratives and images of the human imaginary.

Keywords: Plato. Jung. Archetypes. Forms. Analytical psychology. Archetypal semiotics.

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>. Email: thiago.soares@mail.uft.edu.br.

ENTRE O UNO E O MÚLTIPLO: APROXIMAÇÕES E DISTINÇÕES...

Thiago Barbosa Soares

Introdução

A relação entre a psicologia analítica de Carl Gustav Jung e a filosofia platônica constitui um campo fértil para investigações interdisciplinares, especialmente no que tange à compreensão dos arquétipos e sua proximidade com a teoria das Formas (ou Ideias) de Platão. Embora separados por mais de dois milênios, ambos os pensadores dedicaram-se a descrever estruturas universais e transcendentais que fundamentam a experiência humana: para Platão, as Formas são entidades perfeitas, eternas e inteligíveis, das quais os objetos sensíveis são meras cópias imperfeitas; para Jung, os arquétipos são padrões psíquicos universais, herdados e presentes no inconsciente coletivo, que organizam a experiência humana e se manifestam em mitos, sonhos e narrativas culturais. A convergência entre essas duas teorias, entretanto, não é isenta de tensões e distinções fundamentais, que este artigo se propõe a examinar.

Como observa Stein (2006, p. 86), “A teoria dos arquétipos é o que torna platônico o mapa junguiano da alma; entretanto, a diferença entre Jung e Platão é que Jung estudou as ideias como fatores psicológicos e não como formas eternas ou abstrações”. Essa passagem, extraída de *Jung: O Mapa da Alma*, sintetiza o cerne da questão: enquanto Platão concebe as Formas como entidades metafísicas independentes da mente humana, Jung concebe os arquétipos como disposições inatas da psique, localizadas no inconsciente coletivo e acessíveis apenas por meio de suas manifestações empíricas, as imagens arquetípicas. Nesse sentido, a dívida de Jung para com Platão é explícita, mas acompanhada de uma “psicologização” das ideias platônicas, deslocando-as do domínio da ontologia para o da psicologia profunda.

Soares (2026, p. 28), ao revisar os fundamentos da semiótica arquetípica, também aborda essa relação, citando Stein e destacando que “a diferença entre Jung e Platão é que Jung estudou as ideias como fatores psicológicos e não como formas eternas ou abstrações”. Essa aproximação, contudo, não implica uma redução do arquétipo a mero conceito subjetivo, pois Jung mantém a noção de que os arquétipos possuem um caráter *a priori* e transcendem a experiência individual, assemelhando-se, nesse aspecto, às Formas platônicas. A questão que se coloca, portanto, é: em que medida os arquétipos junguianos podem ser considerados uma atualização psicológica da teoria das Formas? E quais são os limites dessa analogia?

O presente artigo tem como objetivo geral analisar as aproximações e distinções filosóficas entre a teoria junguiana dos arquétipos e a teoria das Formas de Platão, à luz das

ENTRE O UNO E O MÚLTIPLO: APROXIMAÇÕES E DISTINÇÕES...

Thiago Barbosa Soares

obras de Jung, dos comentadores (especialmente Murray Stein) e das aplicações contemporâneas da semiótica arquetípica. Para tanto, o artigo estrutura-se nas seguintes seções: 1) **A Teoria das Formas de Platão**: fundamentos ontológicos e epistemológicos da doutrina platônica, com ênfase na distinção entre mundo inteligível e mundo sensível, na noção de *mimesis* e na função das Formas como paradigmas eternos; 2) **A Teoria dos Arquétipos de Jung**: definição de arquétipo, sua relação com o inconsciente coletivo, a distinção entre arquétipo em si (irrepresentável) e imagem arquetípica (manifestação concreta), e a função organizadora dos arquétipos na psique. 3) **Aproximações entre Arquétipos e Formas**: análise das semelhanças estruturais (universalidade, transcendência relativa, caráter *a priori*, função de modelo ou padrão) à luz das interpretações de Jung, Stein e outros comentadores. e 4) **Considerações finais**: síntese dos argumentos, respostas às questões de pesquisa e sugestões para investigações futuras.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter analítico-comparativo, fundamentada nas obras canônicas de Platão (especialmente *A República* e *Fédon*) e de Jung (especialmente *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, *Aion* e *A natureza da psique*), bem como em comentadores selecionados (Stein, Campbell, Soares). A análise concentra-se nas categorias de universalidade, *a priori*, distinção realidade/manifestação, função ordenadora e acesso transformador, comparando-as sistematicamente entre os dois autores.

A Teoria das Formas de Platão

A teoria das Formas (ou Ideias) constitui o núcleo filosófico da obra de Platão (428/427–348/347 a.C.), sendo desenvolvida principalmente em diálogos como *Fédon*, *A República* e *Timeu*. Trata-se de uma doutrina ontológica, epistemológica e cosmológica que estabelece uma cisão fundamental entre dois níveis de realidade: o mundo sensível (visível, mutável, perecível) e o mundo inteligível (invisível, imutável, eterno). As Formas são entidades perfeitas, transcendentais e incorpóreas, que servem como paradigmas ou modelos para todas as coisas existentes no mundo material. Platão distingue esses dois âmbitos: o mundo sensível (*genesis*), acessível pelos sentidos, caracterizado pelo devir, pela multiplicidade e pela imperfeição; e o mundo inteligível (*ontos on*), acessível apenas pela razão (*nous*), caracterizado

ENTRE O UNO E O MÚLTIPLO: APROXIMAÇÕES E DISTINÇÕES...

Thiago Barbosa Soares

pelo ser verdadeiro, pela unidade e pela eternidade. As Formas habitam esse segundo mundo. No livro VI da *República*, Platão utiliza a analogia da linha dividida para ilustrar essa hierarquia: a linha é cortada em dois segmentos desiguais, representando o mundo visível e o mundo inteligível; cada um desses segmentos é subdividido em dois, correspondendo, respectivamente, às imagens (sombras, reflexos) e aos objetos sensíveis (coisas físicas), e às entidades matemáticas e às Formas propriamente ditas (Platão, 2004, 509d-511e). O mundo sensível é, portanto, uma cópia imperfeita do mundo inteligível. As coisas sensíveis, uma cadeira bela, um ato justo, um círculo desenhado, participam (*methexis*) das Formas correspondentes (Beleza em si, Justiça em si, Circularidade em si), sem jamais atingir sua perfeição. Essa relação é frequentemente descrita por Platão como *mímesis* (imitação): as coisas sensíveis imitam as Formas, assim como as sombras na caverna imitam os objetos reais fora dela.

A alegoria da caverna, no livro VII da *República* (Platão, 2004, 514a-517c), oferece uma poderosa imagem da condição humana e do conhecimento filosófico. Prisioneiros acorrentados desde a infância em uma caverna subterrânea veem apenas sombras projetadas na parede, projetadas por objetos que passam atrás deles, iluminados por uma fogueira. Para esses prisioneiros, as sombras constituem a única realidade. Quando um deles é libertado e forçado a sair da caverna, seus olhos doem com a luz do sol, mas gradualmente ele contempla os objetos reais e, por fim, o próprio sol, fonte última de luz e visibilidade. O sol representa a Forma do Bem (*agathon*), a mais elevada das Formas, que funda a inteligibilidade de todas as outras e a própria existência do mundo sensível. A caverna simboliza o mundo sensível; as sombras, as opiniões e crenças dos homens comuns; a ascensão para fora da caverna, o processo de educação filosófica (*paideia*) que conduz à contemplação das Formas; e o sol, a Forma do Bem. Essa alegoria evidencia o caráter transcendente e acessível apenas pela razão das Formas, bem como a tarefa do filósofo: retornar à caverna para libertar os demais prisioneiros, mesmo correndo o risco de ser incompreendido ou morto.

As Formas platônicas possuem atributos que as distinguem radicalmente das coisas sensíveis. Primeiro, a imutabilidade: as Formas não nascem, não perecem, não se alteram nem se degradam, sendo eternas e sempre idênticas a si mesmas (Platão, 2004, 479a-c). Segundo, a incorporeidade: as Formas não ocupam espaço nem são apreensíveis pelos sentidos,

ENTRE O UNO E O MÚLTIPLO: APROXIMAÇÕES E DISTINÇÕES...

Thiago Barbosa Soares

constituindo objetos puramente inteligíveis. Terceiro, a unidade: cada Forma é una em si mesma, embora possa ser participada por múltiplas coisas sensíveis; a Forma do Belo é uma, ainda que haja inúmeras coisas belas. Quarto, a transcendência: as Formas existem independentemente do mundo sensível e da mente humana, não sendo produtos do pensamento, mas condições de possibilidade do conhecimento verdadeiro. Quinto, o ser *a priori*: as Formas são anteriores à experiência e a fundam; o conhecimento das Formas é inato, sendo a aprendizagem uma reminiscência (*anamnesis*) do que a alma já contemplou antes de encarnar no corpo (Platão, 1979, 72e-76a). No livro VI da *República*, Platão afirma que a Forma do Bem é "a causa de todo o conhecimento e da verdade, na medida em que ela é conhecida" (Platão, 2004, 508e). Ela é análoga ao sol no mundo sensível: assim como o sol ilumina os objetos visíveis e torna possível a visão, a Forma do Bem ilumina as Formas inteligíveis e torna possível o conhecimento. Além disso, a Forma do Bem é a fonte do ser e da essência das demais Formas, embora ela mesma esteja "além do ser" (*epekeina tes ousias*), superando-o em dignidade e poder (509b). Essa dimensão transcendente e quase teológica da Forma do Bem foi objeto de inúmeras interpretações ao longo da história da filosofia, desde os neoplatônicos até os teólogos medievais. Para o presente estudo, interessa destacar que a Forma do Bem funciona como princípio ordenador supremo, análogo ao que Jung chamará de si-mesmo (*Selbst*), o arquétipo central que unifica e orienta a psique em direção à totalidade.

A teoria das Formas foi alvo de críticas já na própria Academia platônica, especialmente por Aristóteles, que a rejeitou em favor de uma teoria da imanência das formas na matéria (hilemorfismo). Para Aristóteles, as formas não existem separadamente das coisas sensíveis, mas como princípios intrínsecos aos próprios objetos. Posteriormente, o platonismo foi retomado e desenvolvido pelos neoplatônicos (Plotino, Proclo), que identificaram as Formas como pensamentos da Inteligência divina. No contexto da psicologia analítica de Jung, a teoria das Formas ressurgiu como uma influência decisiva, embora reinterpretada em termos psicológicos e empíricos. Como assinala Stein (2006, p. 86), "A teoria dos arquétipos é o que torna platônico o mapa junguiano da alma; entretanto, a diferença entre Jung e Platão é que Jung estudou as ideias como fatores psicológicos e não como formas eternas ou abstrações." Essa apropriação crítica da herança platônica será examinada nas seções seguintes do presente artigo.

A Teoria dos Arquétipos de Jung

A teoria dos arquétipos constitui o fundamento mais original e distintivo da psicologia analítica de Carl Gustav Jung (1875-1961), sendo desenvolvida ao longo de sua extensa obra, especialmente em *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (Jung, 2002) e em ensaios como *A Natureza da Psique* (Jung, 2013). Diferentemente de Platão, que concebe as Formas como entidades metafísicas transcendentais, Jung aborda os arquétipos como fatores psicológicos inatos, herdados, que estruturam a experiência humana e se manifestam em mitos, sonhos, fantasias e produções culturais. Para Jung, os arquétipos não são conteúdos psíquicos específicos, mas sim formas vazias, disposições ou potencialidades que organizam a percepção, o pensamento e o comportamento de maneira universal. Como ele próprio define: "O arquétipo é um elemento vazio e formal em si, nada mais sendo do que uma *facultas praeformandi*, uma possibilidade dada a priori da forma da sua representação. O que é herdado não são as ideias, mas as formas, as quais sob esse aspecto particular correspondem aos instintos igualmente determinados por sua forma" (Jung, 2002, p. 91, *itálicos do autor*). Essa passagem evidencia a proximidade e, ao mesmo tempo, a diferença crucial em relação a Platão: os arquétipos são *a priori* no sentido psicológico, não no sentido metafísico; são herdados filogeneticamente, não contemplados por uma alma pré-existente.

Os arquétipos residem no inconsciente coletivo, uma camada da psique que Jung distingue do inconsciente pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído por experiências individuais esquecidas ou reprimidas, os complexos, o inconsciente coletivo é universal, impessoal e hereditário. Jung explica:

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. [...] Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos (Jung, 2002, p. 53).

O conceito de arquétipo, portanto, é correlato indispensável da ideia de inconsciente coletivo, indicando a existência de formas psíquicas presentes em todo tempo e todo lugar. Essas formas não são aprendidas ou adquiridas individualmente, mas pertencem à herança biológica e psicológica da espécie humana. Stein (2006, p. 82) corrobora essa compreensão ao afirmar que "os elementos arquetípicos na personalidade são disposições inatas para reagir, comportar-se e interagir de certas maneiras típicas e previsíveis".

ENTRE O UNO E O MÚLTIPLO: APROXIMAÇÕES E DISTINÇÕES...

Thiago Barbosa Soares

Uma distinção fundamental na teoria junguiana é aquela entre o arquétipo em si (*archetypon*) e a imagem arquetípica (*archetypal image*). O arquétipo em si é irrepresentável, transcendente e inacessível à consciência direta; ele é uma espécie de "padrão invisível" ou "matriz" que só pode ser inferido a partir de suas manifestações empíricas. A imagem arquetípica, por sua vez, é a forma concreta, sensível e simbólica pela qual o arquétipo se expressa na consciência, seja em sonhos, visões, mitos, rituais, obras de arte ou sintomas neuróticos. Como Jung escreve em *A vida simbólica*: "Os arquétipos são imagens e ao mesmo tempo emoções. Só podemos falar de um arquétipo quando estão presentes esses dois aspectos ao mesmo tempo" (Jung, 2018, p. 276, *itálicos do autor*). Assim, a imagem arquetípica é o aspecto perceptível e emocional do arquétipo, aquilo que efetivamente aparece na experiência subjetiva. Essa dualidade, arquétipo como forma irrepresentável e imagem arquetípica como manifestação concreta, encontra um paralelo na distinção platônica entre a Forma em si (inteligível) e as coisas sensíveis que dela participam, embora Jung insista no caráter empírico e psicológico de sua investigação.

Os arquétipos possuem características que os aproximam, mas também os distinguem, das Formas platônicas. Primeiramente, os arquétipos são universais: aparecem em todas as culturas, épocas e indivíduos, manifestando-se em mitologias, contos de fadas, religiões e sonhos de povos sem qualquer contato histórico entre si. Em segundo lugar, são *a priori* no sentido de que precedem a experiência individual e a organizam; a criança não precisa aprender o que é uma mãe para reagir arquetipicamente à figura materna, essa disposição já está presente. Em terceiro lugar, os arquétipos são autônomos: possuem energia própria e podem irromper na consciência independentemente da vontade do ego, causando possessão, inspiração criativa ou sintomas neuróticos. Em quarto lugar, os arquétipos são numinosos, isto é, carregados de uma força emocional e espiritual que pode ser tanto fascinante quanto aterrorizante. Jung descreve essa qualidade: "Há uma certa aura mística em torno de sua numinosidade, e esta exerce um efeito correspondente sobre as emoções. Ele mobiliza concepções filosóficas e religiosas justamente em pessoas que se consideram muito acima de semelhantes acessos de fraqueza" (Jung, 2013, p. 405).

Jung estabelece uma relação profunda entre arquétipos e instintos, concebendo-os como duas faces da mesma moeda psíquica. Enquanto os instintos são pulsões biológicas que

ENTRE O UNO E O MÚLTIPLO: APROXIMAÇÕES E DISTINÇÕES...

Thiago Barbosa Soares

impelem à ação a partir da base somática, os arquétipos são padrões formais que dão sentido e direção a essas pulsões. Em *A Natureza da Psique*, Jung argumenta que o instinto "contém em si mesmo um modelo de sua situação. Ele realiza sempre uma imagem dotada de qualidades fixas" (Jung, 2013, p. 398). Essa imagem é o arquétipo. Assim, instinto e arquétipo são correspondentes: o instinto fornece a energia, o arquétipo fornece a forma. A psique humana situa-se precisamente no espaço intermediário entre esses dois polos, o somático-instintivo e o espiritual-arquetípico, sendo o ego o centro de consciência que deve negociar as demandas de ambas as extremidades. Jung representa essa concepção como um espectro, com os instintos na extremidade infravermelha (inconsciente, corporal, compulsivo) e os arquétipos na extremidade ultravioleta (transcendente, espiritual, numinoso), sendo a psique propriamente dita a faixa visível no meio. Essa visão dual, porém, unificada, da natureza humana afasta Jung tanto do reducionismo biológico quanto do espiritualismo desencarnado.

Entre os inúmeros arquétipos descritos por Jung (Persona, Sombra, Anima, Animus, o Herói, o Velho Sábio, a Grande Mãe, o Trickster, entre outros), destaca-se o arquétipo central, o si-mesmo (*Selbst*). O si-mesmo é o arquétipo da totalidade e da ordem, o princípio unificador que integra consciente e inconsciente, ego e sombra, anima e animus, em direção a uma personalidade completa. Diferentemente do ego, que é o centro da consciência, o si-mesmo é o centro da psique total, abrangendo tanto o consciente quanto o inconsciente. Jung afirma em *Aion* que "o si-mesmo está completamente além dos limites da esfera pessoal e, quando se manifesta, se é que isso ocorre, é tão-somente sob a forma de um mitologema religioso" (Jung, 2012, p. 57). Os símbolos do si-mesmo são frequentemente imagens de quaternidade (mandalas, círculos, quadrados, cruzes), que expressam a ideia de integridade e totalidade. A Forma do Bem de Platão, enquanto princípio supremo de ordem, inteligibilidade e ser, apresenta uma notável analogia funcional com o si-mesmo junguiano, embora Jung insista no caráter psicológico e empiricamente inferido de seu conceito, em oposição ao status metafísico e transcendental da Forma platônica.

A teoria dos arquétipos de Jung não é uma especulação metafísica, mas uma hipótese científica baseada em observações empíricas: a recorrência de temas mitológicos em culturas desconectadas, a presença de imagens semelhantes nos sonhos de pacientes e nos textos religiosos antigos, as fantasias de psicóticos que ecoam cosmogonias primitivas, e a emergência

ENTRE O UNO E O MÚLTIPLO: APROXIMAÇÕES E DISTINÇÕES...

Thiago Barbosa Soares

espontânea de mandalas em períodos de desorientação psíquica. Como sublinha Stein (2006, p. 14), "Jung era também um cientista dedicado, e isso separa sua obra dos escritos de poetas e místicos. Trabalhou com o método científico, o que significou que considerava sua obra passível de prestar contas à comunidade científica, e submeteu-a a testes empíricos." Contudo, a natureza psicoide dos arquétipos, situada na fronteira entre psique e matéria, entre espírito e instinto, implica que eles não podem ser reduzidos inteiramente a fenômenos psicológicos, tampouco a entidades puramente físicas. Essa ambiguidade fundamental aproxima Jung dos problemas levantados pela física quântica e pela filosofia da mente, e constitui o terreno sobre o qual se erguerá sua teoria da sincronicidade, examinada em seções posteriores deste artigo. Para os propósitos da presente investigação, importa reter que a teoria junguiana dos arquétipos oferece um modelo psicológico e empírico de estruturas universais que, guardadas as devidas diferenças ontológicas e metodológicas, dialoga profundamente com a teoria platônica das Formas, inaugurando um fecundo campo de investigação interdisciplinar entre filosofia, psicologia e semiótica.

Aproximações entre Arquétipos e Formas

A aproximação entre a teoria dos arquétipos de Jung e a teoria das Formas de Platão revela um conjunto significativo de paralelismos estruturais, funcionais e epistemológicos, que têm sido explorados por comentadores da psicologia analítica e por filósofos interessados nas relações entre psicologia profunda e metafísica. Embora Jung insista no caráter empírico e psicológico de sua investigação, em oposição ao caráter transcendental e metafísico da doutrina platônica, as semelhanças são suficientemente notáveis para justificar uma análise comparativa sistemática. Como observa Stein (2006, p. 86), a teoria dos arquétipos é o que torna platônico o mapa junguiano da alma, ainda que Jung tenha estudado as ideias como fatores psicológicos e não como formas eternas ou abstrações. Essa ambiguidade, proximidade estrutural acompanhada de diferença ontológica, constitui o cerne das aproximações entre os dois pensadores.

Em primeiro lugar, tanto as Formas platônicas quanto os arquétipos junguianos são caracterizados por sua universalidade e transcendência relativa. As Formas são universais no sentido de que são as mesmas para todos os seres humanos, independentemente de tempo, lugar

ENTRE O UNO E O MÚLTIPLO: APROXIMAÇÕES E DISTINÇÕES...

Thiago Barbosa Soares

ou cultura; a Forma do Belo é idêntica na Grécia antiga e na Pérsia, no século V a.C. e no século XXI. De maneira análoga, os arquétipos junguianos são padrões psíquicos universais, presentes no inconsciente coletivo de toda a humanidade, manifestando-se em mitos, contos de fadas, sonhos e rituais de povos radicalmente distintos e sem contato histórico. Jung (2002, p. 53) afirma que os arquétipos indicam a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar. Essa universalidade é um dos argumentos centrais de Jung para postular a existência de uma camada coletiva e inata da psique, para além das experiências pessoais. Campbell (2007), em sua obra sobre a jornada do herói, demonstra empiricamente a recorrência de padrões míticos idênticos em culturas tão distantes quanto as da Índia, da América pré-colombiana e da Europa medieval, corroborando a hipótese junguiana a partir de fontes mitológicas comparadas.

Em segundo lugar, tanto as Formas quanto os arquétipos são concebidos como entidades *a priori*, isto é, anteriores à experiência individual e constitutivas dela. Para Platão, o conhecimento das Formas não é adquirido pela experiência sensível, mas sim rememorado (*anamnesis*) pela alma, que as contemplou antes de encarnar no corpo. Em *Fédon*, Platão (1979, 72e-76a) argumenta que a aprendizagem é uma redescoberta de conhecimentos inatos, sendo a experiência sensível apenas um gatilho para a reminiscência. Para Jung, os arquétipos são herdados filogeneticamente, integrando a estrutura *a priori* da psique humana. Jung (2002, p. 91) escreve que o arquétipo é uma possibilidade dada *a priori* da forma da sua representação, comparando-o aos instintos, que também são determinados por sua forma hereditária. Essa herança não é cultural, mas biológica e psicológica, inscrita na própria arquitetura do sistema nervoso humano. Stein (2006, p. 56) reforça essa noção ao afirmar que os elementos arquetípicos na personalidade são disposições inatas para reagir, comportar-se e interagir de certas maneiras típicas e previsíveis. Assim, tanto Platão quanto Jung postulam estruturas prévias à experiência que a tornam possível e inteligível, no primeiro caso metafísicas, no segundo psicológicas.

Em terceiro lugar, ambos os sistemas estabelecem uma distinção fundamental entre a realidade em si, a Forma ou o arquétipo, e suas manifestações empíricas, as coisas sensíveis ou as imagens arquetípicas. Para Platão, as Formas são inteligíveis, incorpóreas e eternas, enquanto as coisas sensíveis são visíveis, materiais e perecíveis, participando das Formas sem

ENTRE O UNO E O MÚLTIPLO: APROXIMAÇÕES E DISTINÇÕES...

Thiago Barbosa Soares

jamais se identificarem com elas. Para Jung, o arquétipo em si é irrepresentável, transcendente e inacessível à consciência direta; o que se manifesta nos sonhos, mitos e sintomas é a imagem arquetípica, que combina a forma arquetípica com conteúdos experienciais e culturais. Jung (2018, p. 276) enfatiza que os arquétipos são imagens e ao mesmo tempo emoções, mas essas imagens são manifestações, não o arquétipo puro. Essa dualidade ontológica, uma realidade invisível e uma aparência visível, ecoa diretamente a distinção platônica entre o mundo inteligível e o mundo sensível, bem como a teoria da *mímesis*, segundo a qual as coisas sensíveis imitam as Formas. Soares (2026, p. 28) retoma essa aproximação ao discutir a semiótica arquetípica, notando que a diferença entre Jung e Platão reside no status atribuído a essas realidades transcendentais: para Platão, as Formas são entidades metafísicas independentes; para Jung, os arquétipos são fatores psicológicos inferidos a partir de suas manifestações empíricas.

Em quarto lugar, tanto as Formas quanto os arquétipos possuem uma função ordenadora e normativa. As Formas platônicas são paradigmas, modelos perfeitos que servem de critério para julgar as coisas sensíveis. A Forma da Justiça, por exemplo, permite distinguir atos justos de atos injustos no mundo concreto. De maneira análoga, os arquétipos junguianos funcionam como princípios organizadores da psique, orientando a percepção, o pensamento, a emoção e o comportamento em direção a padrões típicos. O arquétipo do Herói, por exemplo, estrutura narrativas de superação, sacrifício e transformação em todas as culturas, servindo como modelo psicológico para o desenvolvimento do ego e da individuação. Vogler (2006) demonstra como o arquétipo do herói, derivado da obra de Jung e de Campbell (2007), tornou-se uma ferramenta fundamental para a análise narrativa em cinema e literatura. Além disso, o arquétipo do si-mesmo (*Selbst*) desempenha na psicologia junguiana uma função análoga à da Forma do Bem na filosofia platônica: ambos são princípios supremos de unidade, ordem e totalidade. Jung (2012, p. 57) descreve o si-mesmo como o centro transcendente da psique, cujos símbolos, mandalas, quaternidades, expressam a integração harmoniosa dos opostos. Platão (2004, 508e-509b) descreve a Forma do Bem como a causa de todo o conhecimento e da verdade e como aquilo que está além do ser, fundamentando a inteligibilidade e a existência de todas as outras Formas. Essa homologia funcional entre a Forma do Bem e o si-mesmo sugere uma profunda convergência estrutural entre os dois sistemas, independentemente das diferenças de domínio, metafísico versus psicológico.

ENTRE O UNO E O MÚLTIPLO: APROXIMAÇÕES E DISTINÇÕES...

Thiago Barbosa Soares

Em quinto lugar, tanto Platão quanto Jung reconhecem que o acesso direto às realidades últimas, Formas ou arquétipos em si, é impossível para o ser humano comum, sendo necessário um processo de educação, transformação ou análise para que essas estruturas se tornem conscientes. Para Platão, a saída da caverna é um processo doloroso e gradual de *paideia* filosófica, que conduz da opinião (*doxa*) ao conhecimento verdadeiro (*episteme*), culminando na contemplação da Forma do Bem. Para Jung, o processo de individuação, a jornada de integração entre consciente e inconsciente, permite ao ego um contato cada vez mais profundo com as imagens arquetípicas e, por meio delas, uma aproximação do si-mesmo. Jung (2013, p. 400-405) descreve como os arquétipos, quando constelados, emergem espontaneamente na consciência sob a forma de símbolos numinosos, exigindo do ego um trabalho de interpretação, diálogo e integração. Stein (2006, p. 164-165) caracteriza a individuação como um processo de forjar um todo indestrutível entre o martelo e a bigorna, no qual o ego se confronta com as forças arquetípicas do inconsciente. Ambos os autores, portanto, concebem o acesso às realidades transcendentais como uma conquista que demanda esforço, coragem e transformação, não como um dado imediato da experiência comum.

Por fim, tanto as Formas quanto os arquétipos têm sido objeto de críticas semelhantes: acusações de essencialismo, de desconsideração da historicidade e da diferença cultural, e de imposição de modelos universais que suprimem a singularidade e a contingência. Popper (1974) criticou a teoria das Formas platônicas por seu caráter totalitário e antiempírico, enquanto críticos contemporâneos da psicologia analítica, como Noll (1994), questionam a universalidade dos arquétipos junguianos, apontando sua dívida para com tradições esotéricas e sua insuficiente fundamentação empírica. No entanto, defensores de ambas as posições argumentam que a universalidade não exclui a variedade de manifestações; assim como a Forma do Belo se manifesta em incontáveis coisas belas diferentes, o arquétipo da Grande Mãe se manifesta em imagens culturais tão diversas quanto a Virgem Maria, a deusa Kuan Yin, a mãe terra dos povos indígenas e a figura materna nos sonhos individuais. Essa tensão entre o uno e o múltiplo, o universal e o particular, o transcendente e o imanente, permanece no centro tanto do platonismo quanto da psicologia arquetípica, constituindo um campo fértil para investigações filosóficas e interdisciplinares.

ENTRE O UNO E O MÚLTIPLO: APROXIMAÇÕES E DISTINÇÕES...

Thiago Barbosa Soares

Em suma, as aproximações entre arquétipos e Formas revelam uma afinidade estrutural profunda: universalidade, caráter *a priori*, distinção entre realidade em si e manifestação empírica, função ordenadora e normativa, necessidade de um processo transformador para o acesso, e tensão entre unidade e multiplicidade. Essas semelhanças não são meramente acidentais, mas decorrem, provavelmente, de uma intuição comum sobre a natureza da experiência humana: a de que há padrões recorrentes, estáveis e transindividuais que organizam o pensamento, a percepção e a ação, e que esses padrões não podem ser inteiramente reduzidos a construções sociais ou a contingências históricas. A diferença decisiva, como será examinado na seção seguinte, reside no status ontológico atribuído a esses padrões: metafísico-transcendente para Platão, psicológico-empírico para Jung. Contudo, como sugere Soares (2026), essa diferença não inviabiliza o diálogo, mas o enriquece, permitindo que a semiótica arquetípica articule a produção de sentidos narrativos com as figuras profundas do imaginário humano, em uma zona de interseção entre linguagem e psique.

As relações aqui delineadas entre a teoria das Formas e a teoria dos arquétipos fornecem um fundamento filosófico para a semiótica arquetípica, tal como proposta por Soares (2020; 2021a; 2021b; 2023; 2026). Se os arquétipos são estruturas universais e *a priori* que organizam a experiência humana, e se manifestam empiricamente por meio de imagens arquetípicas (que são, ao mesmo tempo, formas sensíveis e emoções), então essas imagens podem ser tratadas como signos, mais precisamente, como *representamina*, que remetem a um objeto dinâmico (o arquétipo em si) e geram interpretantes na consciência. A distinção platônica entre Forma em si e coisas sensíveis que dela participam encontra um paralelo operacional na distinção semiótica entre objeto dinâmico (inapreensível em si) e objeto imediato (a representação que dele se tem). Desse modo, a semiótica arquetípica não é uma mera aplicação de conceitos psicológicos a produtos culturais, mas o reconhecimento de que personagens narrativas operam simultaneamente como imagens (passíveis de descrição semiótica) e como emanções de estruturas arquetípicas (passíveis de interpretação psicológica). A análise de personagens como Son Goku, Kuririn, Piccolo, Vegeta e Freeza, realizada por Soares, ilustra como as imagens arquetípicas do herói, do amigo, do sábio, do fora da lei e do governante atualizam, em narrativas contemporâneas, os mesmos padrões universais que Platão identificou como Formas e Jung como arquétipos.

ENTRE O UNO E O MÚLTIPLO: APROXIMAÇÕES E DISTINÇÕES...

Thiago Barbosa Soares

Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo analisar as aproximações e distinções filosóficas entre a teoria junguiana dos arquétipos e a teoria das Formas de Platão, à luz das obras dos dois pensadores, dos comentadores (especialmente Murray Stein) e das aplicações contemporâneas da semiótica arquetípica. Ao longo das seções desenvolvidas, foi possível demonstrar que, não obstante as diferenças ontológicas e metodológicas fundamentais, existe uma profunda afinidade estrutural entre os dois sistemas.

Em primeiro lugar, verificou-se que tanto as Formas platônicas quanto os arquétipos junguianos são concebidos como universais, *a priori*, transcendentemente relativamente à experiência individual e dotados de uma função ordenadora e normativa. Ambos os pensadores postulam a existência de padrões estáveis e transindividuais que organizam a percepção, o pensamento, a ação e a produção simbólica humana. Essa convergência não é meramente acidental, mas decorre de uma intuição comum sobre a natureza da experiência: a de que há estruturas subjacentes que escapam à contingência histórica e à construção social pura.

Em segundo lugar, a diferença decisiva entre as duas teorias reside no status ontológico atribuído a essas estruturas. Para Platão, as Formas são entidades metafísicas independentes, eternas, inteligíveis e incorpóreas, situadas em um mundo transcendente acessível apenas pela razão. Para Jung, os arquétipos são fatores psicológicos inatos, herdados filogeneticamente, localizados no inconsciente coletivo, e só podem ser inferidos a partir de suas manifestações empíricas, as imagens arquetípicas. Enquanto Platão opera no domínio da ontologia e da metafísica, Jung mantém-se no campo da psicologia empírica, ainda que reconheça o caráter psicoide e transcendente dos arquétipos em si.

Em terceiro lugar, a pesquisa evidenciou que a “psicologização” das ideias platônicas por Jung não implica uma redução dos arquétipos a meros conceitos subjetivos ou construções culturais. Pelo contrário, Jung preserva a noção de que os arquétipos possuem uma realidade própria, autônoma e numinosa, capaz de influenciar a consciência independentemente da vontade do ego. Essa posição coloca a psicologia analítica em um diálogo fecundo não

ENTRE O UNO E O MÚLTIPLO: APROXIMAÇÕES E DISTINÇÕES...

Thiago Barbosa Soares

apenas com o platonismo, mas também com a filosofia da mente, a fenomenologia e a física quântica, especialmente no que tange à teoria da sincronicidade.

Em quarto lugar, a análise realizada oferece contribuições significativas para a semiótica arquetípica, tal como proposta por Soares (2020; 2021a; 2021b; 2023; 2026). Ao explicitar as bases filosóficas da noção de arquétipo, este artigo fundamenta teoricamente a articulação entre semiótica e psicologia arquetípica, mostrando como as imagens arquetípicas podem ser tratadas como signos que operam simultaneamente nos níveis da forma (imagem) e do afeto (emoção). A distinção entre arquétipo em si (irrepresentável) e imagem arquetípica (manifestação concreta) encontra paralelo na distinção semiótica entre objeto dinâmico e objeto imediato, abrindo caminho para análises mais rigorosas de personagens narrativas como atualizações contemporâneas de figuras primordiais.

Em quinto lugar, o estudo revelou que as críticas dirigidas tanto à teoria das Formas quanto à teoria dos arquétipos, essencialismo, desconsideração da historicidade, imposição de modelos universais, podem ser parcialmente respondidas pela ênfase na distinção entre o padrão universal e suas manifestações particulares, contingentes e culturalmente variadas. Assim como a Forma do Belo se manifesta em incontáveis coisas belas diferentes, o arquétipo da Grande Mãe se manifesta em imagens culturais tão diversas quanto a Virgem Maria, a deusa Kuan Yin e a mãe terra dos povos indígenas. Essa tensão entre o uno e o múltiplo, o universal e o particular, é constitutiva tanto do platonismo quanto da psicologia arquetípica, e não um defeito a ser eliminado.

Como limitação do estudo, reconhece-se que a análise concentrou-se prioritariamente nas obras canônicas de Platão e Jung, deixando de lado desenvolvimentos posteriores do platonismo (neoplatonismo) e da psicologia analítica (pós-junguianos), bem como as críticas contemporâneas mais recentes à teoria dos arquétipos oriundas das neurociências e dos estudos culturais. Investigações futuras poderão aprofundar essas questões, além de explorar as implicações da relação aqui delineada para áreas como a teoria literária, a crítica da cultura, a psicologia da religião e a filosofia da linguagem.

Em suma, este artigo demonstrou que, guardadas as devidas diferenças de domínio e método, a teoria dos arquétipos de Jung pode ser legitimamente interpretada como uma atualização psicológica e empírica da teoria das Formas de Platão. Essa interpretação não

ENTRE O UNO E O MÚLTIPLO: APROXIMAÇÕES E DISTINÇÕES...

Thiago Barbosa Soares

apenas ilumina a dívida intelectual de Jung para com a tradição filosófica, mas também oferece um fundamento sólido para a semiótica arquetípica e para a análise interdisciplinar das imagens e narrativas que habitam o imaginário humano. Como sugere Soares (2026), a diferença entre os dois pensadores não inviabiliza o diálogo, mas o enriquece, permitindo que a produção de sentidos narrativos seja articulada com as figuras profundas da psique em uma zona de interseção entre linguagem, filosofia e psicologia.

Respondendo diretamente às perguntas formuladas na introdução, tem-se o seguinte. (1) Em que medida os arquétipos junguianos podem ser considerados uma atualização psicológica da teoria das Formas? Os arquétipos junguianos podem ser considerados uma atualização psicológica e empírica das Formas platônicas na medida em que preservam as características fundamentais de universalidade, caráter *a priori*, transcendência relativa, função ordenadora e normativa, e necessidade de um processo transformador para o acesso. Contudo, essa atualização desloca essas estruturas do domínio metafísico-ontológico para o domínio empírico-psicológico, localizando-as no inconsciente coletivo e tornando-as acessíveis apenas por meio de suas manifestações empíricas (imagens arquetípicas). (2) Quais são os limites dessa analogia? Os limites residem, principalmente, em quatro aspectos: (a) o status ontológico (metafísico independente para Platão vs. psicológico inato para Jung); (b) o método de acesso (contemplação racional direta para Platão vs. interpretação indireta de manifestações empíricas para Jung); (c) a localização (mundo inteligível separado para Platão vs. inconsciente coletivo imanente à psique para Jung); (d) a relação com os instintos (inexistente para Platão vs. complementar e estrutural para Jung). Essas diferenças, longe de invalidarem a comparação, demarcam os limites precisos da analogia e evidenciam o caráter inovador da apropriação junguiana do platonismo.

Referências Bibliográficas

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. 10. ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2007.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. (Obras completas de C. G. Jung, v. 9/1).

ENTRE O UNO E O MÚLTIPLO: APROXIMAÇÕES E DISTINÇÕES...

Thiago Barbosa Soares

JUNG, Carl Gustav. **Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo**. Tradução de Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. (Obras completas de C. G. Jung, v. 9/2).

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. Tradução de Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. (Obras completas de C. G. Jung, v. 8).

JUNG, Carl Gustav. **A vida simbólica**: escritos diversos. Tradução de Araceli Elman et al. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. (Obras completas de C. G. Jung, v. 18/1).

NOLL, R. **The Jung cult**: origins of a charismatic movement. Princeton: Princeton University Press, 1994.

PLATÃO. Fédon. Tradução de Jorge Paleikat. In: PLATÃO. **Diálogos**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores).

PLATÃO. **A República**. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004.

POPPER, K. **A sociedade aberta e seus inimigos**. Tradução de Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

SOARES, Thiago Barbosa. A semiótica do herói: a conflagração do caminho ascendente de Son Goku. **Porto das Letras**, v. 6, n. especial, p. 113-128, 2020.

SOARES, Thiago Barbosa. A semiótica do sábio: uma análise da constituição da jornada de Piccolo em Dragon Ball Z. **Revista Multidisciplinar de Estudos Nerds/Geek**, Rio Grande, v. 3, n. 5, p. 23-35, jan./jun. 2021a.

SOARES, Thiago Barbosa. A semiótica do amigo: uma análise da composição do companheirismo de Kuririn, em Dragon Ball Z. **Revista Tabuleiro de Letras**, v. 15, n. 1, p. 29-43, jan./jun. 2021b.

SOARES, Thiago Barbosa. A semiótica do inocente: funcionamento do arquétipo de Son Gohan em Dragon Ball Z. **Tabuleiro de Letras**, v. 17, n. 1, p. 205-218, 2023.

SOARES, Thiago Barbosa. **Semiótica arquetípica em Dragon Ball Z**: a arquitetura de personagens marcantes. Palmas, TO: [s.n.], 2026. (no prelo).

STEIN, Murray. **Jung**: o mapa da alma: uma introdução. Tradução de Álvaro Cabral. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

VOGLER, C. **A jornada do escritor**: estruturas míticas para escritores. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.